

08 JUL 2014 • 19:30 • SALA SUGGIA

REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA

A Casa do Mário / Carta Branca a Mário Laginha • 8 - 15 de Julho

PETER RUNDEL DIRECÇÃO MUSICAL

MÁRIO LAGINHA PIANO

JULIAN ARGÜELLES SAXOFONE

1ª Parte

John Adams

Chamber Symphony [1992; C.22MIN.]

1. *Mongrel Airs*
2. *Aria with Walking Bass*
3. *Roadrunner*

2ª Parte

Mário Laginha

Até aos Ossos, para piano, saxofone
e ensemble [2005; C.50MIN.]

- I. – II.
- III. *Fado*
- IV. (*Adagio*)
- V.
- VI.
- VII (*Presto*)





Entrevista
a Peter Rundel
www.vimeo.com/100090522



Entrevista
a Mário Laginha
www.vimeo.com/100114618

A CASA DO MÁRIO / CARTA BRANCA A MÁRIO LAGINHA

—
8 JULHO • 19:30

REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA
ATÉ AOS OSSOS

—
12 JULHO • 21:00

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA
LAGINHA AO PIANO

—
13 JULHO • 21:00

MÁRIO LAGINHA TRIO

—
15 JULHO • 19:30

RICARDO TOSCANO 4TETO

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

RÉSEAU
CENTRE EUROPEEN DE RESEAU
VARESE



Programa e Cultura

reseo

REMA
RESEAU EUROPEEN DE RESEAU
MUSICAL NETWORK

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO

EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO

JOHN ADAMS

WORCESTER, 15 DE FEVEREIRO DE 1947

Chamber Symphony

John Adams tem-se destacado como um dos compositores americanos mais tocados e premiados internacionalmente, tendo desenvolvido um estilo próprio e eclético. Se um aspecto central na produção de Adams é o foco em assuntos da actualidade, o que tem criado algumas polémicas e potenciado a sua cobertura mediática, a partir de certa altura o compositor recorreu a estilos e géneros musicais do passado, que misturava com a sua abordagem particular reminescente do chamado minimalismo repetitivo. Após ter estudado na Universidade de Harvard, Adams leccionou no Conservatório de Música de São Francisco, onde trabalhou com música electrónica e dirigiu diversos agrupamentos. Nessa época, a sua música assentava na repetição de padrões, tornando audível o processo de composição e desenvolvimento da obra. Paralelamente, conciliou essa abordagem com formas de construir uma narrativa musical menos circular, sobretudo através do recurso a formas do Romantismo e do Modernismo.

A *Chamber Symphony* foi composta no final de 1992 por encomenda da Wallace Alexander Gerbode Foundation, uma instituição mecénica sediada em São Francisco que tem realizado importantes encomendas a artistas de áreas distintas e dinamizado culturalmente a área da Baía de São Francisco. A obra foi destinada ao San Francisco Contemporary Chamber

Players, especializado na apresentação de música contemporânea, que a estreou a 12 de Abril de 1993. Contudo, a estreia mundial foi realizada em Haia a 17 de Janeiro de 1993 pelo Schönberg Ensemble. Em 1994, Adams foi galardoado com o Royal Philharmonic Society Award pela *Chamber Symphony*. A obra encontra-se dividida em três secções e é inspirada em universos musicais distintos, reflectindo uma mudança no estilo do compositor, que passou a valorizar elementos como o virtuosismo instrumental e o recurso a texturas mais densas e complexas. De forma aparentemente contraditória, há uma redução de meios, visto que a produção de Adams até à época incidiu sobre géneros como a ópera e a música sinfónica. Esta redução de meios traça uma filiação directa da *Chamber Symphony* na *Sinfonia de Câmara*, op. 9, de Arnold Schönberg. Essa relação entre uma obra de referência do modernismo musical centro-europeu e a *Chamber Symphony* é reforçada com a utilização de elementos da *Sinfonia de Câmara* por Adams. A outra matriz a que Adams recorre é a música que Carl Stalling compôs para desenhos animados, revisitada pelo compositor aquando da infância do seu filho, dedicatário da obra. Um aspecto que a música de Schönberg e de Stalling têm em comum é a descontinuidade narrativa, no primeiro decorrente de uma abordagem modernista que critica os modelos retóricos do Romantismo, e no segundo pela necessidade de acompanhar um enredo descontínuo e variado. Essa descontinuidade é enfatizada por Adams ao longo da sinfonia, por vezes contrastando elementos heterogéneos de forma abrupta.

A obra encontra-se dividida em três secções: *Mongrel Airs*, *Aria with Walking Bass* e *Roadrunner*. A primeira secção destaca-se pela sua trama rítmica, à qual se vão sobrepondo instrumentos a um ritmo estável e percussivo, técnica usada tanto por Schönberg como por Stalling, aproximando o timbre da orquestra ao universo dos desenhos animados, enriquecida pelo recurso ao sintetizador. Desta forma, Adams concilia o estilo pelo qual ficou conhecido, sobretudo pela periodicidade rítmica e pelo relativo estatismo harmónico, com um virtuosismo contrapontístico assinalável. A *Aria with Walking Bass* assenta numa linha grave que mantém o tempo, à qual vão sendo adicionados instrumentos, a solo ou em conjuntos, destacando-se o carácter melódico. A obra termina com uma autêntica catarse, em que um *ostinato* contínuo serve de fio condutor a um andamento altamente virtuosístico quer para os intérpretes, quer para o compositor, numa tentativa de recriar as loucas perseguições protagonizadas pela personagem *Roadrunner*, transpondo-as para um contexto erudito.

JOÃO SILVA [2014]

MÁRIO LAGINHA

LISBOA, 25 DE ABRIL DE 1960

Até aos Ossos, para saxofone, piano e ensemble

Até aos Ossos é o resultado de uma encomenda da Casa da Música.

Trata-se de uma peça em sete andamentos (ou partes, como queiram) para saxofone e piano solistas + ensemble (o Remix Ensemble, naturalmente).

Ter a possibilidade de escrever para uma formação como o Remix Ensemble e para um músico como Julian Argüelles – para mim um dos maiores saxofonistas que já alguma vez ouvi – foi uma experiência apaixonante. A ideia de utilizar elementos dos universos do jazz e do clássico sempre me foi muito atraente. E apesar de ser bastante difícil sair bem-sucedido nessa tarefa (o que eu sei não estar garantido à partida), o prazer da experimentação vale sempre o risco.

Como não quero ir mais longe na descrição do que compus, gostava de dizer o que penso, sumariamente, em relação ao acto de escrever música actualmente.

Em primeiro lugar, acho que a possibilidade de compor com traços de originalidade existirá sempre e nesse sentido o futuro não está comprometido, felizmente. O que pretendo dizer com isto é que, apesar de tudo o que já se fez em arte, o que existe à nossa frente não é menos do que existia à frente de quem criava há 200 anos. O que realmente muda é o passado. Temos hoje um muito maior legado de arte do que em 1800 e já estes o tinham em relação a quem viveu, por hipótese, no século anterior.

Temos agora o privilégio de ouvir em qualquer momento – basta desejá-lo – Bach, Mozart, Beethoven, Brahms, Mahler, Bartók, Ravel, Prokofieff, Stravinski, Gershwin, Schönberg, Cage, Ligeti, Emmanuel Nunes, entre muitos outros, mas também Miles Davis, John Coltrane, Keith Jarrett, Charlie Parker, ou Beatles, Gentle Giant, Prince, Björk, ou ainda Amália, Carlos Paredes, Tom Jobim, Chico Buarque – a lista é infindável.

Ou seja, o futuro não se esvazia, mas o passado torna-se cada vez mais rico e vasto.

Sei que a música que escrevo está mais perto do jazz do que de qualquer outra área musical, mas também sei que todos os compositores e músicos que tenho ouvido com devoção – o meu passado – não podem deixar de me influenciar. Se o resultado final for uma música que quem me conhece pode identificar como minha, terei sido bem-sucedido. Se isso não acontecer, falhei. Seja como for, expus-me. Até aos ossos.

MÁRIO LAGINHA [2005]

PETER RUNDEL DIRECÇÃO MUSICAL

Peter Rundel nasceu em Friedrichshafen, Alemanha, e estudou violino com Igor Ozim e Ramy Shevelov em Colónia, Hannover e Nova Iorque, e direcção com Michael Gielen e Peter Eötvös. O compositor Jack Brimberg foi também um dos seus mentores em Nova Iorque.

É convidado regularmente para dirigir a Orquestra da Rádio da Baviera, Orquestra Sinfónica Alemã e Orquestra Sinfónica da Rádio de Berlim, Sinfónica da Rádio de Estugarda, Sinfónica WDR de Colónia e orquestras das rádios de Hamburgo, SWR de Baden-Baden, Frankfurt, Saarland, ORF de Viena, Orquestra Nacional da RAI em Turim, musikFabrik em Colónia e Ensemble intercontemporain.

No âmbito do teatro musical, dirigiu produções na Ópera do Estado da Baviera, Festwochen de Viena, Ópera Alemã de Berlim e Festival de Bregenz. O seu trabalho na ópera inclui o repertório tradicional e também produções teatrais de música contemporânea inovadora.

Em 2005 tornou-se maestro titular do Remix Ensemble no Porto – esta colaboração frutuosa é documentada pelo grande sucesso das apresentações em importantes festivais europeus.

Depois de encerrar 2012/13 com uma produção aclamada de Stockhausen no Lincoln Center Festival em Nova Iorque, nesta temporada destacam-se três produções de ópera em grande escala além de vários compromissos orquestrais. Dirige a estreia de *Universumsstulp* de Stephan Winkler na Ópera de Wuppertal e uma nova produção da ópera *Bluthaus* de Georg

Friedrich Haas, encenada por Peter Mussbach, no Wiener Festwochen e no Kulturfabrik Kampnagel em Hamburgo. Peter Rundel foi novamente convidado para dirigir no Ruhrtriennale, desta vez com *Die Materie* de Louis Andriessen numa produção de Heiner Goebbels.

MÁRIO LAGINHA PIANO

Com uma carreira que leva já mais de duas décadas, Mário Laginha é habitualmente conotado com o mundo do jazz. Mas se é verdade que os primórdios do seu percurso têm um cunho predominantemente jazzístico – foi um dos fundadores do Sexteto de Jazz de Lisboa (1984), criou o decateto Mário Laginha (1987) e lidera ainda hoje um trio com o seu nome –, o universo musical que construiu com a cantora Maria João é um tributo às músicas que sempre o tocaram, a começar pelo jazz e passando pelas sonoridades brasileiras, indianas, africanas, pela pop e o rock, sem esquecer as bases clássicas que presidiram à sua formação académica e que acabariam por ditar o seu primeiro e tardio projecto a solo, inspirado em Bach (*Canções e Fugas*, de 2006).

Mário Laginha tem articulado uma forte personalidade musical com uma vontade imensa de partilhar a sua arte com outros músicos e criadores. Desde logo, com Maria João, de que resultou um dos projectos mais consistentes e originais da música portuguesa, com mais de uma dezena de discos e muitas centenas de concertos em salas e festivais um pouco por todo o mundo (festivais de Jazz de Montreux, do Mar do Norte, de San Sebastian, de Montréal...).

Em finais da década de oitenta iniciou uma parceria com o pianista clássico Pedro Burmester, com quem gravaria um disco. A dupla seria alargada a Bernardo Sasseti em 2007 no projecto “3 pianos”, com a gravação de um CD e um DVD, além de uma dezena de concertos com fortíssima repercussão na crítica e no público. Até ao seu inesperado desaparecimento, Bernardo Sasseti foi, de resto, um parceiro e cúmplice de Mário Laginha em muitas dezenas de concertos e em dois discos gravados, o último dos quais dedicado à música de José Afonso.

Com uma sólida formação clássica, Mário Laginha tem escrito para formações tão diversas como a Big Band da Rádio de Hamburgo, Big Band de Frankfurt, Orquestra Filarmónica de Hannover, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Remix Ensemble Casa da Música, Drumming – Grupo de Percussão e Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. E tem tocado, em palco ou em estúdio, com músicos excepcionais como Wolfgang Muthspiel, Trilok Gurtu, Gilberto Gil, Lenine, Armando Marçal, Ralph Towner, Manu Katché, Dino Saluzzi, Kai Eckhardt, Julian Argüelles, Steve Argüelles, Howard Johnson, Django Bates, entre outros. Das colaborações mais recentes destacam-se o compositor e pianista brasileiro André Mehmari e o cantor e guitarrista cabo-verdiano Tchéka. Compõe também para cinema e teatro.

A obra mais recente do trio partilhado com Bernardo Moreira e Alexandre Frazão é *Mongrel*, um trabalho que partiu de temas originais de Chopin, transformados para a linguagem pessoal do pianista. *Iridescente*, gravado na Fundação Calouste Gulbenkian, é a sua última aventura musical com a can-

tora Maria João. Em finais de 2013, Mário Laginha e o seu Novo Trio com o guitarrista Miguel Amaral e o contrabaixista Bernardo Moreira lançaram *Terra Seca*, um disco que desbrava novos caminhos para o jazz e a música portuguesa.

JULIAN ARGÜELLES SAXOFONE

Julian Argüelles nasceu em Birmingham, em 1966, e aos 18 anos mudou-se para Londres, onde foi rapidamente reconhecido como um músico criativo e original. Aos 20 anos integrou a prestigiada banda inglesa Loose Tubes. Tocou em gravações e digressões por todo o mundo com músicos de renome internacional como Hermeto Pascoal, Dave Holland, Django Bates, John Scofield, Kenny Wheeler, John Abercrombie, Bill Frisell e John Taylor. Lidera os seus próprios grupos e gravou 11 discos como líder. Estas gravações e as suas composições conquistaram variados prémios prestigiantes. Em 2004, Julian Argüelles mudou-se para a Escócia e em 2012 ganhou o prémio de Melhor Instrumentista nos Scottish Jazz Awards.

Como compositor, cumpriu recentemente encomendas para a NDR (Big Band da Rádio do Norte da Alemanha), HR (Big Band da Rádio de Frankfurt), Apollo Saxophone Quartet, o seu octeto (encomendas do Birmingham Jazz e BBC Radio 3), Orquestras Jovens de Jazz (National, Walsall e Berkshire), Orquestra Sinfónica de Jovens de Fenland e Royal Academy Of Music. Em 1999, recebeu o Jazz Composers Alliance Composition Award, nos EUA, e em 2011-12 foi Compositor em Residên-

cia na Escola de Jazz de Lucerna, na Suíça.

Os seus CDs deram origem a muitos prémios e tornaram-se largamente influentes para a nova geração de músicos britânicos de jazz. O mais recente, *Circularity*, foi editado em 2014 pela editora italiana CamJazz, e conta com as participações de John Taylor, Dave Holland e Martin France.

REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA

Peter Rundel *maestro titular*

Desde a sua formação em 2000, o Remix Ensemble apresentou em estreia absoluta mais de oitenta e cinco obras e foi dirigido pelos maestros Stefan Asbury, Ilan Volkov, Kasper de Roo, Pierre-André Valade, Rolf Gupta, Peter Rundel, Jonathan Stockhammer, Jurjen Hempel, Matthias Pintscher, Franck Ollu, Reinbert de Leeuw, Diego Masson, Emilio Pomàrico, Brad Lubman e Paul Hillier, entre outros.

No plano internacional, apresentou-se em Valência, Roterdão, Huddersfield, Barcelona, Estrasburgo, Paris, Orleães, Bourges, Reims, Antuérpia, Madrid, Budapeste, Norrköping, Viena, Witten, Berlim, Amesterdão, Colónia, Zurique, Luxemburgo e Bruxelas. Em 2011 apresentou-se no Wiener Festwochen (Viena) e no Festival Agora (IRCAM – Paris). Entre as obras interpretadas em estreia mundial incluíram-se duas encomendas a Wolfgang Rihm, Compositor em Residência 2011 na Casa da Música. O projecto *The Ring Saga*, com música de Richard Wagner adaptada por Jonathan Dove e Graham Vick, levou o Remix Ensemble ao Festival Musica de Estrasburgo, Cité de la Musique em Paris, Saint-Quentin-en-Yvelines, Théâtre de Nîmes, Le Théâtre de Caen, Grand Théâtre du Luxembourg e Grand Théâtre de Reims. Em 2012 fez a estreia mundial do concerto para piano *Jetzt genau!* de Pascal Dusapin no programa de encerramento do Festival Musica de Estrasburgo, apresentou-se na Fundação Gulbenkian em Lisboa e na Filarmónica de Berlim. Entre os projectos

para 2013, mereceu destaque a ópera *Quartett*, de Luca Francesconi, com encenação de Nuno Carinhas, apresentada no Porto e em Estrasburgo. Em 2014 apresenta em estreia mundial *Le soldat inconnu* de Georges Aperghis, uma encomenda da ECHO, e tem concertos agendados em Lisboa, Paris, Ourense, Madrid e Colónia.

O Remix tem dez discos editados com obras de Pauset, Azguime, Côte-Real, Peixinho, Dillon, Jorgensen, Staud, Nunes, Bernhard Lang, Pinho Vargas, Wolfgang Mitterer, Karin Rehnqvist e Pascal Dusapin. A prestigiada revista londrina de crítica musical *Gramophone* incluiu o CD com gravações de obras de Pascal Dusapin, pelo Remix Ensemble e a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, na restrita listagem de Escolha dos Críticos do Ano 2013.

Violino

Angel Gimeno

José Pereira

Viola

Trevor McTait

Violoncelo

Oliver Parr

Contrabaixo

António A. Aguiar

Flauta

Stephanie Wagner

Oboé

José Fernando Silva

Clarinete

Victor J. Pereira

Ricardo Alves

Fagote

Roberto Erculiani

Ricardo Ramos

Trompa

Nuno Vaz

Trompete

Ales Klancar

Trombone

Ricardo Pereira

Percussão

Mário Teixeira

Manuel Campos

Teclado/Celesta

Jonathan Ayerst



casa da música

MECENAS PROGRAMAS DE SALA



PORTO PALÁCIO
CONGRESS HOTEL & SPA

PATROCÍNIO
VERÃO NA CASA



MECENAS CASA DA MÚSICA



APOIO INSTITUCIONAL



**GOVERNO DE
PORTUGAL**
SECRETÁRIO DE ESTADO
DA CULTURA

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA
PATROCÍNIO VERÃO NA CASA

